

## O “Brasil Que Queremos”, Queremos?

L.S. Döring\*

Muitas vezes supomos que desejamos algo, mas, no *fundo* do espírito, não o desejamos.

Acontecem, por exemplo, os esquecimentos, as confusões de horários, os mal-entendidos, enfim uma série de recursos — apresentados por Freud em sua obra *Sobre a Psicologia da Vida Cotidiana* — utilizados pelo inconsciente, para evitar que façamos aquilo que *ele* não quer, neste caso, sempre que pretendermos algo, impõe-se que estejamos atentos a esta dicotomia entre o consciente e o inconsciente. E consegue-se contornar o problema. Contudo existem outros fatores, além dos *atos falhos*, que podem prejudicar a colimação de metas ansiadas.

Em breve trabalho — *A Mídia e as Forças Armadas* — escrito no dia 15 de novembro de 1991 e publicado como separata, na *Revista Marítima Brasileira*, mostramos o papel negativo da mídia nacional, nos dias em que vivemos. Neste texto vamos meditar sobre a ação do Povo brasileiro, para atingirmos aquilo que chamamos de “um País melhor”, “um País desenvolvido”, o País que queremos.

Para fazê-lo, ora usaremos abordagem mais empregada pela Sociologia: os valores geram atitudes que geram

comportamentos. Ora vamos lançar mão, também, da Psicologia, por considerá-la igualmente apropriada ao trato do tema.

### O Poder da Sugestão

Após o término da Segunda Guerra Mundial — que começou europeia e estimulou o Japão a romper hostilidades, por saber que o Poder Militar dos inimigos teria de atuar em duas frentes — os intelectuais da Europa Ocidental e dos Estados Unidos da América lançaram, na opinião pública do Ocidente, expressões do tipo “países desenvolvidos e subdesenvolvidos”, “Primeiro e Terceiro Mundos”, “Potência”, “Superpotência”, entre outras menos consagradas.

Fizeram-no por mal?

A resposta depende do sentido em que usarmos o vocábulo *mal*. Se quisermos dizer que o fizeram intencionalmente, para provocar resultados objetivos prejudiciais, responderíamos: provavelmente não. Expressiam a forma como viam a realidade. Porém, se considerarmos que tais colocações decorriam de um sentimento de superioridade, do desejo de dividir a Humanidade em melhores e piores, de uma inflação do ego coletivo, fize-

ram-no por mal. Viram a realidade de maneira distorcida por conteúdos psicológicos não saudáveis para a convivência social global.

Todavia — à semelhança do que ocorreu com a contribuição de alguns cientistas, para as pesquisas nucleares — as teses destes estudiosos passaram a ser usadas como ferramenta de todos os que tinham em si — exacerbados — aqueles conteúdos psicológicos a que nos referimos; e, pior, pelos agentes dos países que se julgavam superiores, como instrumento de ação psicológica, com vistas a criar uma atitude de dependência ou de subserviência.

De adjetivos — países *subdesenvolvidos* — tornaram-se substantivos — os *subdesenvolvidos*. A desvalorização migrou de um complexo de fatores e circunstâncias — principalmente da área econômica — para as pessoas. E os povos da Europa Ocidental e dos EUA passaram a ver os da América do Sul e Central, da África, da Ásia, do Oriente Médio — com exceção de Israel — desta forma.

Os meios de comunicação de massa daqueles povos contribuíram decisivamente para formar — mais do que uma opinião — um sentimento de superioridade inquestionável.

### **Pausa para Meditação**

Nas considerações que faremos a seguir, gostaríamos de não nos referir a países ou sociedades. Todavia, para

atingirmos o propósito da análise, as referências colocam-se como inevitáveis. Trata-se de material necessário ao raciocínio.

O que é “ser mais desenvolvido”?

Ter um Poder Militar maior, que permita impor interesses pela pressão irresistível ou pela ação bélica? Ora, sabemos que os seres humanos almejam a democracia como princípio basilar da vida social; no momento em que caminhamos para a “sociedade global”, por conseqüência o anseio democrático estende-se ao Globo; e quanto à guerra, possuímos plena consciência de que se trata da pior das soluções. No entanto estes países, que se intitulam mais desenvolvidos, estiveram profundamente envolvidos em inúmeras delas, extremamente destrutivas, duradouras e amplas, nos últimos cento e vinte anos: período em que nosso País não se envolveu em qualquer guerra no próprio continente, teve participação discreta na Primeira Guerra Mundial — nascida na Europa — e reativa na Segunda. Para não falarmos em conflitos localizados, como a Guerra Civil Espanhola, o problema basco e do Exército Republicano Irlandês e o conflito sangrento da ex-Iugoslávia.

É-nos familiar o conceito de *personalidade de base*. Nas palavras do Padre Fernando Bastos de Ávila, em sua obra *Introdução à Sociologia*, “... é a configuração psicológica particular própria aos membros de uma determinada sociedade, que se manifes-

ta por um estilo de vida no qual os indivíduos inserem suas variantes singulares”. Conceito que, estendido a uma nação, como diz aquele autor, ganha o título de *caráter nacional*, expressão bastante conhecida na nossa Escola Superior de Guerra.

Com exceção de alguns países, podemos afirmar que a belicosidade — palavra que vem de *bellum*, guerra — constitui um traço comum da personalidade de base de povos europeus até hoje. Existem razões históricas e geopolíticas para isto, mas o fato é que possuem esta inclinação para os conflitos bélicos. Traço de que os norte-americanos não conseguiram livrar-se (não seriam o *rugby* — que existe nos EUA e na Grã-Bretanha — e as toureadas a expressão esportiva da agressividade social, deslocadas para comportamentos controlados, em rituais que absorvem a energia agressiva das massas? O que dizer dos filmes de violência? Talvez, igualmente, uma desenergização dos impulsos de destruição, mas que induzem as crianças, que os vêem, através da TV, a considerarem a morte de um indivíduo como coisa normal; *mocinhos e bandidos* matam com a mesma frieza).

Se raciocinarmos em termos de perfeição humana, de evolução para uma Humanidade Superior, seriam mais desenvolvidos do que o Povo brasileiro?

A Economia neoclássica corrigiu visão anterior incorreta, ao afirmar que a produção depende da procura

e não o contrário. Então a produção de drogas é responsabilidade primeira e maior dos norte-americanos e dos europeus, um enorme mercado consumidor. O nosso País é vítima deste modelo, na medida em que o seu consumo interno de drogas aumentou, quando se tornou rota de passagem da exportação dos produtores, para aquelas áreas do Hemisfério Norte. Sabemos também que o consumo de droga constitui um *comportamento de fuga* — no sentido que lhe atribui a Psicologia — de uma realidade que onera insuportavelmente o indivíduo. Cabe perguntar: é desenvolvido um *way of life* que gera tal necessidade? A entrada do menor na adolescência, neste modo de vida, vem provocando fuga, cada vez maior, para a alienação dos alucinógenos. O mesmo ocorrendo com as faixas etárias que se seguem, na luta pela sobrevivência. Neste caso, como conseqüência de outro traço da personalidade de base, ou talvez um dos aspectos da belicosidade, a competição exacerbada, que nada respeita e que acaba de ser *desreprimida* — perdoem o neologismo — no capitalismo neoliberal.

Por certo tal modo de viver altamente estressante — que aos poucos veio e continua vindo até nós — fator ponderável que leva a cenas como a de um indivíduo que se arma e mata inúmeras crianças ou adultos; ou que coloca bombas em locais públicos, ou destrói a si mesmo, a outros adultos e

crianças, em locais de cultos religiosos, eventos não incomuns nestes povos.

Isto é ser desenvolvido?

Sem considerarmos o aspecto estratégico à época, mas raciocinando num plano mais elevado de Ética Fundamental, explodir duas bombas atômicas, sobre duas cidades, será o indicador de que a Humanidade está trilhando um bom caminho? Significa progresso ou regressão? Em termos humanos, quais os mais desenvolvidos: os que possuem ou os que não possuem a bomba nuclear, com a possibilidade de tentação do seu emprego?

E realizar experiências recentes com estas armas — naturalmente longe de casa — numa época em que se tenta reverter os riscos criados pelo conflito Leste-Oeste, é ser mais desenvolvido?

Cabe, neste instante, breve digressão. Se considerarmos que o unicelular surgiu há 3,8 bilhões de anos, o pluricelular há 1,2 bilhões e lembrarmos que se seguiu um longo período em que, abreviando a enumeração, a vida se diversificou até chegar aos peixes, aos anfíbios, aos animais terrestres, aos mamíferos, aos primatas, aos homínidas, ao *Homo habilis*, ao *Homo erectus*, ao *Homo sapiens*, ao *sapiens sapiens*, cabe-nos indagar: que cadeia de coincidências — no sentido de fatos que devem coincidir — precisou ocorrer para que um de nós tenha nascido? Basta limitarmo-nos ao longo encadecamento na linhagem huma-

na, dezenas de milhares de anos: qualquer variação de circunstâncias, desde a escolha do cônjuge, até detalhes como dia, hora, momento enfim do ato de fecundação, o pH do órgão receptor feminino, tudo isto nos conduz à consciência de que nascermos é quase um milagre, probabilidade pequeníssima, mas com certeza uma dádiva ou presente de Deus. Tal colocação científica não fere os princípios cristãos, em face da existência do *livre arbítrio*. Deus nada impõe ao Homem que, em contrapartida, é inteiramente responsável por seus atos, pelos quais responde perante o Ser Supremo. Para aqueles que possam argüir que há uma predestinação quanto à vinda ao mundo, o livre arbítrio pode alterá-la. Se um ser ancestral, caro leitor, há vinte mil anos, por exemplo, houvesse escolhido outra esposa você não estaria hoje lendo este texto; estaria imerso no universo impreciso e indefinível do Nada, sequer teria consciência deste nada. A conscientização da preciosidade da vida poderá ajudar as sociedades a reavaliar a inadequabilidade de provocar-se a morte de pessoas, de forma intencional. Naturalmente tal mudança exige consenso em escala global, antes do que não se pode prescindir do direito de legítima defesa, pela própria lógica da preciosidade da vida. Este direito constitui a razão principal da existência de nossas Forças Armadas. Por outro lado, todas as argumentações acima mostram o absurdo ético da destruição em

massa e alertam a Nação sobre a importância de dotar as suas FFAA com os recursos necessários e equipá-las com armamentos de avançada tecnologia, de alto poder discriminatório, que atinge especificamente o alvo selecionado. É um dever de consciência da nossa Sociedade, que precisa dispor de recursos de dissuasão, que desencoragem quaisquer agressores, todavia sem que venha a sentir-se culpada de destruir indiscriminadamente. Fim da digressão.

Gerar um movimento como o nazismo, ou o fascismo, há pouco mais de meio século — ontem — com todas as suas conseqüências, não seria um resquício do barbarismo que invadiu o Império Romano? Aliás Carl Gustav Jung simbolicamente afirma que sim, em seu livro *Aspectos do Drama Contemporâneo*. Era *Wotan* novamente em marcha. Em poesia publicada em *Estruturas Leves & Pesadas*, observando o renascimento do nazismo — o neonazismo — escrevíamos: “*Wotan* renasce das cinzas e brasas da insolvência”. A renascença do barbarismo (parece contradição).

E manter um estado comunista, ditatorial e impiedoso, até o final da década de 80, numa das duas superpotências?

E exportar *skin heads* e *punks*, através da comunicação global? Ou *gangs* de bairros, através de filmes, para salões de cinema e rede de TV do Globo?

Ser o maior poluidor da atmosfera — através do hexafluoreto de carbono, o HFC — com a destruição da camada de ozônio, significa desenvolvimento, no sentido de proteção da vida no Planeta?

Que sociedade deu nascimento ao crime organizado? Se não a única, principalmente a Itália e, mais tarde, os Estados Unidos da América, o que hoje é verificado, também, em nosso País. A mídia afirma que o problema origina-se do aprendizado com os *subversivos* nas prisões. Não foram estes, igualmente, produto europeu? Sim, do regime soviético, que influenciou, cooptou e até formou, chineses, africanos, vietnamitas, cambojanos, cubanos e muitos sul-americanos, para não falarmos de povos da própria Europa. Este foi um fenômeno que induziu um movimento reativo da nossa Sociedade, em 1964. Houve a invasão de uma ideologia européia, surgida de problemas específicos daquele continente, que se não coadunava com a nossa cultura, na época; tanto é; que a tentativa alienígena não conseguiu prevalecer.

O consumismo desenfreado, que exaure rapidamente fontes de matérias primas, colocando, num horizonte próximo, alguns problemas complicados para as gerações que nos sucederão, expressará indícios de uma Humanidade mais evoluída? Ou estará dando vazão a pulsões que a sabedoria dos povos antigos já colocavam como herança do homem-ani-

mal? Esta onda consumista vem dos países ditos desenvolvidos.

De onde surgiu o “é proibido proibir” e a vaga de degeneração moral, analisada por Dom Lucas Moreira Neves, (Jornal do Brasil, 7 e 14/7/1993)? Isto sim, e não os Governos de 1964-85, como o querem certos analistas, alterou valores, que levaram a atitudes e comportamentos na política e em tantas outras atividades, inadequados a uma sociedade sadia e consciente.

Serão os preconceitos racial e étnico características dos estágios finais do desenvolvimento? Destes estágios chegam as idéias e ideologias que induzem a nossa Sociedade a uma cisão sem respaldo em fatos reais. É a força da falsa globalização: globalizam-se os efeitos, embora as causas permaneçam localizadas em regiões discretas.

Quem passasse por Londres, no início da década de 80, assistiria às ações vândalas das torcidas, após os jogos de futebol. Portanto não se surpreenderia, anos depois, com as notícias de que clubes britânicos estavam proibidos de jogar em países do continente europeu, em virtude dos conflitos provocados por seus torcedores. A globalização trouxe, quase quinze anos depois, este tipo de comportamento para as torcidas paulistanas.

O que o *behaviorismo* chama de *modelo* constitui fator importante para o condicionamento, a formação do comportamento. Naturalmente o modelo precisa possuir um *status* e, con-

seqüentemente, desempenhar um *pa-pel* que sensibilize, que desperte a admiração do grupo, da comunidade. Adiante veremos como muitos brasileiros se sensibilizaram com os modelos existentes nos países ditos mais desenvolvidos.

Encerremos estas poucas linhas dedicadas à meditação, com mais duas perguntas. O que é melhor: uma sociedade menos rica, porém mais próxima dos sentimentos e pensamentos que levam ao aperfeiçoamento da Humanidade, ou a sociedade afluyente, com todos estes problemas, que a distanciam do ideal de uma evolução humana que conduza a paz e a harmonia sociais globais?

Devemos aceitar que o caminho para o progresso da Medicina, da Farmacologia, da Química, da Física — com destaque à Eletrônica — enfim, das ciências, em benefício real dos seres humanos, que constitui mérito indiscutível destes países, do qual muito nos beneficiamos — terá de passar necessariamente através de terrenos cheios de destruição?

## Os Efeitos

Após a pausa realizada para meditar sobre o sentido daquilo que as sociedades norte-americana e européia assumiram como verdade — a sua proeminência humana — cumpre analisar as repercussões desta atitude entre nós.

Nossa geração cresceu com a idéia bem definida de que o Brasil era o país do futuro. Tal convicção baseava-se em argumentos inúmeros, que chegavam à carta de Pero Vaz de Caminha, quando reportava o descobrimento a Portugal. Crianças, jovens, adultos, pessoas maduras e anciãos, ninguém duvidava desse destino.

A década de 70 transformou em processo dinâmico e acelerado a certeza que viajava no coração de todos os brasileiros. A auto-estima nacional inflava-se. O Brasil Potência!

As causas responsáveis pela não-concretização deste sonho, tivemos oportunidade de sugerir-las em nosso livro *Revolução: é Possível?*, escrito em 1989, e não vamos repeti-las neste texto.

Sobreveio período de decepção.

Mas o processo não parou aí. E para isso muito contribuiu a mídia nacional. Parecia que seus empresários e profissionais estavam possuídos e hipnotizados, por uma idéia de autodestruição. A tudo desvalorizavam. Talvez numa reação ao que chamaram de *regime militar*, procuraram minimizar ou, mesmo, desmoralizar todo o progresso, todas as melhorias conseguidas nos anos anteriores, sem perceber que aquilo fora obtido e construído, pelo próprio Povo.

De um lado, destruíam a respeitabilidade, a imagem do País; de outro, começavam a minar a autoconfiança da Gente brasileira.

Neste ponto, colocamos a questão: pode crescer a crava daninha se não o permitir a terra?

Em outras palavras, teriam sucesso os meios de comunicação de massa, se não houvesse terreno receptivo àquilo que pregam?

Não. Não seria possível.

Devemos reconhecer que os últimos 12 anos mudaram — para pior — a *face* psicológica do País. Por quê?

Poderíamos alinhar algumas hipóteses:

— a recessão mundial, com seus reflexos internos;

— a frustração de expectativas, acalentadas em 1985;

— o fracasso impensável das jornadas política e econômica do período 1990-1992;

— a mudança intempestiva e inesperada de um modelo mundial, com o qual diversas gerações se habituaram a conviver, depois de 1945, com a inevitável desorientação de identidade perante o Mundo; não mais somos o Ocidente, baluarte de defesa de uma civilização, mas o Sul, os “bárbaros”. Sabemos que a identidade necessita de referenciais do ambiente e, hoje, à semelhança do que nos afirmou McLuhan, estamos em contato emocional muito mais próximo com pessoas ou grupos de continentes distantes do que com os vizinhos de nossa rua;

— ou um *vazio coletivo*, que se instalou, de um lado, nos artistas, jornalistas e intelectuais, que construí-



ram a sua obra tendo como tema básico — às vezes único — a oposição ao que chamaram de *regime militar*, e, de outro, na “maioria silenciosa” que se acostumou a ver o ritmo vibrante do período 1964-1985, das construções de barragens, usinas, estradas, sistema de comunicações, e tantas outras, dinamismo que se desvaneceu após o término do *regime militar*. A concentração de autoridade — como aconteceu com a França de De Gaulle — é um equilíbrio encontrado pela sabedoria do homem instintivo e, ao ser desativada, necessita de “algo” para substituí-la; não deixa, pois, de ser uma solução.

Colocaremos uma ótima hipótese, para terminar este *brain storming*, um pouco mais adiante.

Neste ponto, voltamos à antinomia *desenvolvidos x subdesenvolvidos*.

Nas últimas décadas, a Psicologia mostrou que aquilo que se pensa ou se ouve repetidamente tende a aprofundar-se na psique e passa a influir na ação futura. Aliás, este é um dos processos que levam à aquisição dos valores que, mais tarde, gerarão atitudes e comportamentos. Na verdade, a psique é um sistema que se realimenta. Pode-se mudar a atitude diante da vida simplesmente repetindo-se uma frase. Esta possibilidade era conhecida pelos antigos, principalmente religiosos. A chamada *oração contínua*, como a Oração de Jesus, do *peregrino russo* e as jaculatórias, ambas do catolicismo bem como o

*mantra* do Zen, constituem evidência da sabedoria destas vertentes tradicionais. Nas décadas de 40 e 50, nos então chamados Cursos Primário e Ginásial, alguns professores atribuíam a alunos indisciplinados, como *dever para casa*, a tarefa de escrever, por exemplo, cinquenta vezes, frases como “não devo conversar durante a aula”, “devo estudar a lição” etc. A repetição deposita a mensagem no inconsciente e ela retorna, sob forma de energia psíquica, condicionando nossas opções, decisões, ações. (No caso citado dos alunos, poder-se-ia também analisar os resultados à luz do *behaviorismo*).

Eis o que afirmam os estudiosos que adotam esta abordagem: impõe-se pensar positivamente; quem desejar alcançar um objetivo deve considerar-se capaz de fazê-lo, ou, mesmo, considerar que já vai atingi-lo. O que somos é fruto do que pensamos. Somos o que pensamos ser.

Hoje existe aceitação destas colocações, em técnicas de cura psicossomática, em terapia de problemas psicológicos, em motivação de profissionais de empresas, de escolares, de atletas, etc. “Programar-se” dizem os adeptos de tais escolas. É o caso da Programação Neurolingüística (PNL).

Todavia o *out put* deste sistema depende daquilo que se processa. Significa dizer que, se a pessoa se põe a depreciar-se, a julgar-se incompetente para realizar determinada tarefa, a afirmar para si mesma que não con-



seguirá atingir esta ou aquela meta, isto influenciará o seu desempenho e, até, leva-la-á ao fracasso. Como diziam os profissionais de Informática, há alguns anos, *gigo*, que significava: *garbage in, garbage out*.

Dentro deste enfoque que a Psicologia nos oferece, vemos o risco da introjeção da idéia de “subdesenvolvidos”. É esta deposição no inconsciente ocorreu. Hoje, comumente o brasileiro classifica-se como subdesenvolvido, naquele sentido de um ser ou um povo inferior.

A mídia, com grande freqüência, ao noticiar algo de mau acontecido no País, logo acrescenta: “nos países desenvolvidos isto não acontece” ou “acontece de tal ou qual forma”. Implicitamente veste-nos o rótulo de não-desenvolvido ou subdesenvolvido. E este cantochão, repetitivo, insistente, entranha-se em todas as almas.

Enfim, as teses dos países que se colocaram como mais adiantados contaminaram as mentes das nossas classes alta e média, inicialmente, estendendo-se também aos estratos mais baixos da pirâmide social.

Desta forma os cidadãos passam a diminuir-se. Quando algum fato inadequado ocorre, repetem-se frases do tipo: “não tem jeito, somos subdesenvolvidos”, “em país subdesenvolvido é assim mesmo”, “no primeiro mundo isto não aconteceria”, “subdesenvolvido é isso aí” etc.

A convergência da decepção, surgida após 1985 com a introjeção da

escala gerada e propagada pelos norte-americanos e europeus, gerou um *sentimento de inferioridade*, — semelhante, talvez, ao que provou o povo dos EUA com o envolvimento e a derrota no Vietnã, só ressarcido com o sucesso na Guerra do Golfo — e de *depressão*.

A depressão significaria — usando a visão junguiana — um limiar de vida nova, no sentido positivo ou, na visão de outras escolas, um quadro negativo. Neste ponto, colocaríamos a última hipótese do nosso breve e superficial *brain storming*, conforme prometemos:

— estar-se-ia formando uma corrente de opinião — ainda não consciente — na forma de um fenômeno apontado por Jung em seu livro *Elementos de Psicologia Analítica*, quando afirma: “No inconsciente coletivo do indivíduo a própria história se prepara e quando alguns arquétipos são ativados num certo número de indivíduos, chegando à superfície, encontramos-nos no meio da corrente histórica...”. Teríamos de buscar, nas diversas mitologias — que se repetem nas civilizações e povos — qual a figura mitológica que corresponde ao que temos observado. Seria bom que nos deparássemos com Fênix. No entanto, — muito preocupante — parece que se trata de Prometeu, de quem o abutre (qual?) lhe devora interminavelmente o fígado, ou o egípcio Osíris, a quem Set, o irmão mais velho, (qual deles?) invejoso e ambicioso, partiu-

lhe o corpo em pedaços. O neocolonialismo, com a delegação de soberania (para o que se importaria a desativação das Forças Armadas); ou o estímulo ao fracionamento e à criação de *nações fictícias*.

Comporiam tal corrente pessoas inebriadas pela idealização que possuem de certos países, os quais julgam superiores, e, sem perceber, *aos quais desejam* integrar-se. Parcela pequena da nossa Sociedade, mas que, por sua posição social ou profissional, é *multiplicadora de opinião*.

Aqueles segmentos da Sociedade — incluído o que acabamos de citar — capazes de redirecionar o presente e o futuro, como agentes geradores ou multiplicadores de força, perdem-se em ações de autodepreciação, em endeusarem os países que dizem mais adiantados, em críticas emocionadas, em discussões intermináveis, em posições radicalizadas.

Ora, recordamos aqui uma outra colocação de Jung, a da energia psíquica limitada. Afirmativa evidente posto que, gerada pela matriz humana — ou se quisermos ser rigorosos: transformada pela matriz humana — é tão limitada quanto a que se destina ao caminhar, ao correr, ao movimentar objetos etc, e que com esta compete (com frequência dizemos: “hoje trabalhei tanto que não consigo nem raciocinar”). Aqueles que dedicam excessiva energia mental à revolta, à crítica obsessiva, à fanática idealização utópica de “salvar” o mundo, dei-

xam pouquíssima energia para corrigir o que tanto criticam. Isto vale para o indivíduo e, conseqüentemente, para a coletividade. Certamente todos nós tivemos a oportunidade de conhecer pessoas extremamente ácidas e intolerantes, que de tudo reclamavam, mas que produziam muito pouco. Sua energia mental estava “dirigida” para alvos errados (geralmente interiores) e esgotava-se.

Então, a atitude coletiva que adotamos nestes últimos anos, tende à ineficácia, na busca dos objetivos desejados.

Os militares conhecem bem este pensamento. Possuem plena consciência de que *o* moral é basilar (não confundir com *a* moral, também básica). A premissa fundamental da vitória é manter o moral elevado, sabem-no todos os Comandantes. Daí a existência e a eficácia da Guerra Psicológica.

O sentimento de inferioridade induz, *chama*, o insucesso, além de criar dependência e subserviência, em relação àqueles que classificam, que criam a escala do melhor e do pior.

O pessimismo não constrói.

Encontra-se diante de nós a grande oportunidade de criar algo novo. Povos, cuja personalidade de base tem como um de seus traços a belicosidade, dispõem de menor chance de chegar a uma sociedade global harmônica, equilibrada, igualitária. Isto porque as nações de maior poder tudo resolvem pela guerra, ou pela ameaça de sua eclosão — como vimos nesta

semana que há dias se encerrou, quando a China, por causa de uma eleição, enviou força naval às proximidades de Taiwan e os EUA vetaram para lá dois navios-aeródromos. Assim sendo, não há como pensar em globalização justa.

Abrimos parênteses para lembrar que é neste contexto, em que o *juízo final* se realiza pela força e não pelas virtudes maiores do Ser Humano, é neste contexto, repito, que os países mais poderosos desejam a despotencialização das Forças Armadas dos *subdesenvolvidos*, para que se estabeleça a prática de *Roma locuta, causa finita*.

Aliás, para segmentos expressivos das sociedades dos países *subdesenvolvidos*, esta máxima já prevalece. “Se os desenvolvidos falaram, eis a verdade”; mesmo sem ouvi-los diretamente, mas através da mídia, que escolhe trechos e cria contextos de apresentação, de acordo com seus interesses e tendências ideológicas, esses segmentos sociais aceitam o que foi colocado.

Quem vem depois dispõe da possibilidade de evitar os erros dos que o procederam. Estamos neste caso e nosso Povo é realmente diverso dos que hoje se intitulam desenvolvidos. Em nossa Terra — como é de conhecimento geral — amalgamaram-se muitas nacionalidades e etnias. Não há belicosidade enraizada nas pessoas. Não existe ódio entre grupos. A tendência a perdoar está presente

em todos. A solidariedade manifesta-se imediatamente nas situações difíceis, vividas por indivíduos e pelas comunidades.

Ao contrário da idéia falaciosa que se divulgou, a Gente brasileira é muito trabalhadora. Basta lembrarmos, por exemplo, que nas grandes cidades a distribuição populacional é perversa, colocando o estrato social de menores salários na periferia (com exceção, talvez, de algumas favelas do Rio de Janeiro); justamente os que não possuem automóvel e vão, como decorrência, depender de duas ou três conduções coletivas. Nestas cidades maiores, que concentram grandes populações, tal maioria acorda, em média, às quatro horas da manhã e logo sai, e retorna à residência por volta das oito ou nove da noite.

Gente como esta, bem como as classes média e alta, cujo valor não é menor, possui a condição para, rapidamente, retirar o País da situação adversa em que se encontra. É necessário acreditar, utilizar a energia psíquica e somática, com inteligência e eficácia.

Todavia, mais do que isto, podemos contribuir muito para a construção de uma Humanidade melhor.

Transformar o *Novo Mundo* — que na realidade cresceu *velho* como aquele que o colonizou — em Mundo Novo.

Lembro-me de poesia que escrevi, na Europa, em 1981, e publiquei em 1982, quando começava a desmisti-

ficar-se, para mim, a ilusão do dito *Primeiro Mundo*; e dez anos antes de que Jean-Christophe Rufin se referisse aos “novos bárbaros”. Reproduzo apenas duas estrofes.

*“Na Europa a imprensa se compraz  
em nos fazer de bárbaros.  
Instrumento de quem?  
De todos. De ninguém.  
Somos vítimas dos mesmos preconceitos,  
pois é comum nosso judaico-helêno berço”.*

*“Minha terra é mística;  
no misticismo o povo ama,  
anda, canta e se alimenta.  
Foi criada no sétimo dia,  
depois que as sandálias de Deus  
cruzaram o Estreito de Bering  
e desceram as Américas.  
Quando Deus a fez, no Seu descanso,  
já tinha errado e corrigido tanto  
que atingira a perfeição da arte;  
e usou, com amor, o seu know-how divino.  
É nova!*

*Repetir para quê?*

*Minha gente é pura, simples, transparente  
podemos optar.*

Repetir para quê? Como escreveu Jung (*O Espírito na Arte e na Ciência*), “*Alterius non sit, qui suus esse potest*” — Quem pode ser aquele que é, não deve seguir os outros — ditado muito significativo, tanto no plano pessoal, quanto no coletivo.

Cada nação é aquilo que pensa de si mesma.

Ninguém pode ser a pessoa que não acredita ser. E quando acredita ser, já caminha para sê-lo.

O moral, a pedra angular!

Queremos o “Brasil que queremos”? Então cumpre continuarmos nossa marcha, mas levando no coração e na mente sentimento e razão — a certeza de que somos um Mundo Novo.

\* Vice-Almirante

Subcomandante da Escola Superior de Guerra.